

A ESTÉTICA DO MOVIMENTO: UMA LEITURA SARRIANA DA PSICOTERAPIA A PARTIR DA ARTE DE ALBERTO GIACOMETTI

MOVEMENT AESTHETICS: A SARRIAN READING OF PSYCHOTHERAPY FROM THE ALBERTO GIACOMETTI'S ART

*Georges Daniel Janja Bloc Boris **
Universidade da Beira Interior, UBI, Portugal
*Daniel Marcio Pereira Melo ***
Universidade de Fortaleza, Brasil

RESUMO: Este artigo apresenta e discute o conceito de estética do movimento. Parte de reflexões sobre o sentido estético na psicoterapia fenomenológico-existencial e discute o processo de psicoterapia como resultado da construção de um sentido estético que está para além da fala. São as reflexões feitas por Jean-Paul Sartre sobre a arte de Alberto Giacometti os subsídios teóricos para a apresentação do conceito estética do movimento, numa tentativa de contribuição à psicoterapia fenomenológico-existencial. Trata-se de um estudo teórico que se baseia em dados oriundos da dissertação de mestrado de um dos autores, na qual propôs-se um diálogo entre a ontologia fenomenológica sartriana e a noção de corpo em gestalt-terapia. O trabalho de dissertação citado discute, entre outras coisas, as contribuições metodológicas da psicanálise existencial e do método progressivo-regressivo sartriano para a práxis da psicoterapia. Aqui, tal discussão metodológica, é alcançada quando da apresentação da noção **DE ESTÉTICA DO MOVIMENTO.**

PALAVRAS-CHAVE: Estética do Movimento; Psicoterapia Fenomenológico-Existencial; Método Progressivo-Regressivo; Jean-Paul Sartre; Alberto Giacometti

ABSTRACT: This article presents and discusses the concept of movement aesthetics. It starts with reflections on the aesthetic sense in existential-phenomenological psychotherapy and discusses the process of psychotherapy as a result of the construction of an aesthetic sense that goes beyond speech. Jean-Paul Sartre's reflections on Alberto Giacometti's art are the theoretical support for the presentation of the aesthetic concept of movement, in an attempt to contribute to the phenomenological-existential psychotherapy. This is a theoretical study that is based on data from the master's dissertation of one of the authors, which proposed a dialogue between the Sartrian phenomenological ontology and the notion of body in gestalt therapy. The dissertation work cited discusses, among other things, the methodological contributions of existential psychoanalysis and the Sartrian progressive-regressive method. Here, such a methodological discussion is reached when presenting the notion of aesthetics of movement.

KEYWORDS: Esthetic of Movement; Phenomenological-Existential Psychotherapy; Progressive-regressive method; Jean-Paul Sartre; Alberto Giacometti

* *Psicólogo, mestre e doutor em sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Estágio pós-doutoral em filosofia prática na Universidade da Beira Interior, em Covilhã, Portugal. Professor titular do Programa de Pós-Graduação e do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza. m@ilto: geoboris@uol.com.br.* ** *Doutoramento em Filosofia - Universidade da Beira Interior - UBI (Portugal) (Em andamento - 2021). Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR (Brasil) (2014). m@ilto: danielmpemlo@hotmail.com.*

A NOÇÃO DE ESTÉTICA DO MOVIMENTO

Herdeiro de uma arte classificada como surrealista que valoriza a escultura como ferramenta de despertar dos afetos e, por essa razão construída pela justaposição de formas efêmeras, corpos verticais que se encontram com a horizontalidade do mundo, Giacometti não se furta ao seu modo próprio de experienciar esse tipo de arte. Apesar de ser classificada como surrealista, cubista, e até mesmo, impressionista, tal arte se mostra com uma característica própria, sendo desafiadora qualquer tentativa de sua classificação num único movimento artístico. Seu comportamento artístico, marcadamente pessoal, marcará sua escultura e revelará uma forma paradoxal de receber as insinuações sensitivas do mundo ao seu redor. É Sartre (2012) quem discute esta forma de Giacometti ser artista como gestadora de uma arte do movimento, onde as formas são efêmeras, tipificadora daquilo que a fenomenologia, verdadeiramente, procura – a realidade resultante do diálogo entre homem e mundo (SARTRE, 1968). Este trabalho apresenta e discute o conceito de estética do movimento à partir da leitura sartriana da arte de Giacometti como reveladora daquilo que se busca através do método fenomenológico e do método progressivo-regressivo em psicoterapia. Parte-se de reflexões sobre o sentido estético na psicoterapia fenomenológico-existencial, para se discutir o processo de psicoterapia como resultado da construção de um sentido que está para além da fala. São, portanto, as reflexões feitas por Sartre (2012) sobre a arte de Alberto Giacometti os subsídios teóricos para a apresentação aqui do conceito *estética do movimento*. Trata-se de um estudo teórico que se baseia em dados oriundos da dissertação de mestrado de um dos autores, na qual propôs-se um diálogo entre a ontologia fenomenológica sartriana e a noção de corpo em gestalt-terapia. O trabalho de dissertação citado discute, entre outras coisas, as contribuições metodológicas da psicanálise existencial e do método progressivo-regressivo sartriano para a práxis de psicoterapia contemporânea. Aqui, tal discussão metodológica é alcançada quando da apresentação da noção de estética do movimento. Não se propõe neste texto uma discussão epistemológica da abordagem gestáltica, posto ser outro o objetivo já referido, mas parte-se de um trabalho no qual tal discussão epistemológica foi apresentada. Nele, as distinções entre as bases epistemológicas da abordagem gestáltica e a ontologia fenomenológica sartriana são feitas. Aqui, no entanto, toma-se como referência as reflexões resultantes desse empreendimento, do diálogo proposto entre o pensamento sartriano e a prática da psicoterapia na abordagem gestáltica, como ponto de partida para a noção de estética do movimento aqui defendida. Por essa razão, encontrar-se-á ao longo das linhas que seguem o uso de referências à teoria da gestalt-terapia como forma de se manter fiel ao trabalho que origina a discussão presente.

A estética do movimento: uma leitura sartriana da psicoterapia a partir da arte de Alberto Giacometti

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS EM GIACOMETTI: O MANEJO DA ESTÉTICA DO MOVIMENTO

Marcada por uma estética do movimento na qual os traços e contornos não são rigidamente delimitados, a arte de Giacometti provocou certo estranhamento aos seus admiradores. Os sentidos estranham a beleza de uma arte como essa, pois foram adestrados a admirarem a estética das fotografias, das formas estáticas e rígidas. Em Giacometti as formas parecem anunciar outro tipo de arte, aquela advinda da afetação

do que é, realmente, natural: o movimento, a efemeridade das coisas e dos atos humanos. Na percepção desta arte, os objetos próximos parecem menores, os distantes maiores, o que não sucede numa fotografia, como se percebe no cinema, quando um trem se aproxima e cresce muito depressa que um trem real nas mesmas condições (SARTRE, 2012). Na arte volátil de Giacometti, a percepção parece dançar no vai e vem das linhas que se cruzam e se recruzam, revelando o movimento dinâmico da existência e não, simplesmente, o estático da fotografia. Aqui, os objetos se desnudam dos contornos bem delineados, pois na vida, de fato, os objetos não são assim. Não marcar nenhum contorno seria tirar a identidade dos objetos, e marcar apenas um, seria sacrificar a profundidade, isto é, a dimensão que nos dá a coisa, não estirada diante de nós, mas repleta de reservas, realidade inesgotável, movimento sempre a vir. É por isso que Giacometti faz e desfaz, artisticamente constrói sua escultura e artisticamente a destrói, como que demonstrando como a vida é: um vai e vem, um diálogo constante. Sua arte parece anunciar uma subversão da estética estática. Ele prefere o corpo, o monumento vertical que anuncia a existência do homem, mas não o constrói sem a horizontalidade do mundo, promotora desta existência. Giacometti parece anunciar uma estética do movimento, aquela própria da existência. Sartre parece se aproximar desta arte, exatamente por esse detalhe: ela é fenomenológica.

Sob esta perspectiva, poderíamos considerar que esta proposta de arte sobre o corpo, pode nos levar a grandes descobertas sobre a arte de ser pessoa e sobre o processo de compreensão da pessoa em psicoterapia. Nela, podemos encontrar um diálogo possível com a filosofia e a psicologia que visem à produção de um conhecimento científico e de valor, contemporaneamente fenomenológico, pois parece retratar a possibilidade de um retorno à percepção do mundo como ele é: uma perspectiva do que é “natural”, no fenômeno dado.

O fenomenólogo não tem uma percepção idiossincrásica da realidade, uma perspectiva particular diferente de qualquer outra, simplesmente, mas se deixa invadir pela própria realidade, posto que ela esteja dada, está aí. É esta objetividade da realidade encontrada no mundo, passível de ser apreendida pelo olhar do cientista que pode ser apontada como um conhecimento valioso, pois mostra o que é real. Tal qual a arte de Giacometti, discutida por Sartre (2012), na qual os traços e contornos variados podem ser definidos como fronteiras permeáveis, onde a arte registra muito menos do que aquilo que os sentidos do artista puderam captar, mas a própria linguagem real da natureza, as nuances do natural, o diálogo. Se a ontologia fenomenológica sartriana versa sobre o estudo da facticidade da vida humana, aquela que é reveladora de uma essência do devir, de uma essência que se faz na realidade a partir de uma maneira própria de existir, de uma existência própria, pode-se dizer, que esse encontro entre Sartre e Giacometti é apropriado. O homem se faz no mundo e o mundo é dado para o homem. É a totalidade do fenômeno que serve a arte de Giacometti; assim como à fenomenologia interessa, a manifestação factível e transcendente, alcançada pela consciência humana. Homem e mundo, a experiência do homem vivida no mundo. Sob o olhar do fenomenólogo, a vida parece fugir do movimento linear, das cenas artificialmente montadas e dos afetos produzidos; na verdade, parece que a vida é mesmo assim, fugitiva da estética estática e amante da estética do movimento, aquela que é resultado do diálogo entre o homem e o mundo. Parece ser este, o fenômeno pelo qual a fenomenologia se interessa (SARTRE, 1968).

Na admiração da arte de Giacometti, Sartre (2012) parece encontrar um anúncio metodológico do seu método progressivo-regressivo, da sua própria fenomenologia. Ela no corpo confeccionado pelo artista: o passado como ato executado (em-si/corpo), o presente como impressão do mundo ao redor do corpo (a situação), e o futuro como

possibilidade de reconstrução (para-si/projeto de ser): Giacometti destruía suas esculturas alguns dias depois de fazê-las (SARTRE, 2012).

Aproximando tal reflexão do que nos interessa neste trabalho, podemos pensar que ser pessoa é se doar à arte de existir à sua própria maneira. Nesta condição, não pode haver artistas bons ou ruins, mas cada um vai livremente descobrindo a sua maneira de se fazer arte. A beleza ou a estética, talvez esteja na descoberta da possibilidade do movimento. Eis a condenação que Sartre (2011) nos apresenta em sua famosa ideia sobre o homem estar condenado a ser livre: somos condenados ao movimento de artistas livres que decidem em face dessa liberdade fazer sua própria arte, à sua maneira. Não temos opção. Em cada ato criamos a pessoa que nos tornamos. Isso também está posto na prática da gestalt-terapia, uma abordagem de psicoterapia tida por alguns como de inspiração fenomenológico-existencial:

A criação de si, a criação de um si mesmo é, certamente, a primeira criação de um indivíduo, e as criações posteriores não só tenderão a se referir a esse protótipo, como também buscarão repeti-lo de modos variados, como analogias e metáforas dessa criação primal. Como psicoterapeuta, o que importa é restaurar a capacidade criativa do indivíduo, ou seja, a capacidade de criar sua vida como se estivesse criando uma obra de arte, mais do que criar um sintoma ou um sofrimento (ROBINE, 2006, p. 38).

Eis o desafio de uma psicoterapia fenomenológico-existencial: ser lugar de criação e recriação. Psicoterapeuta e cliente precisam se entregar à arte da criação, não por acaso, pelo fato de serem corpos de fato, esculturas verticais no mundo da relação horizontal que se mostra em psicoterapia. É esta a compreensão de psicoterapia que se defende aqui: uma relação horizontal, travada por duas personagens que, apesar de terem funções distintas, ambas estão mergulhadas na situação terapêutica; uma relação que não se dá, como parece ser na clínica tradicional, na verticalidade de um suposto saber do terapeuta. Mas à partir da práxis desse tipo de relação horizontal, tête-à-tête, que pode ser compreendida com fenomenológico-existencial. Tal empreendimento é lido aqui à luz de uma ontologia que versa sobre outra compreensão de ego que não a da psicologia clínica tradicional como, por exemplo, a que é discutida por Sartre em *a transcendência do ego* (SARTRE, 1960). É por considerar um ego enquanto fenômeno transcendente que o pensamento sartriano pode dialogar com abordagens como a gestalt-terapia. Neste tipo de compreensão “a obra, o ato plástico do terapeuta, consiste, portanto, essencialmente em fazer surgir outros materiais a partir do fundo para que uma figura forte e o sentido surjam e sejam construídos. A ferramenta do trabalho do terapeuta é a awareness” (ROBINE, 2006, p. 40). Neste contexto a “awareness” é a tomada de consciência da obra de arte que se é, naquele momento, e das possibilidades de transformação dela, como fazia Alberto Giacometti. As palavras de Sartre ao considerar sua arte, é a de que “(os escultores) são profetas da objetividade” (2012, p. 48), o que podemos parafrasear, afirmando: os homens são profetas da objetividade de sua existência. Em cada ato, em cada posição tomada no mundo, em cada sentido construído, a pessoa é o livre artista que executa sua própria escultura no mundo. E isto acontece, numa perspectiva sartriana, pelo ato, pelo movimento dialético de escolher-se livremente em determinada situação. Nossa indagação é: como isto se dá na situação psicoterapêutica? Vejamos.

Um processo de psicoterapia inspirado na perspectiva sartriana, uma psicoterapia existencial-sartriana, se inicia quando psicoterapeuta e paciente têm acesso ao movimento dialético de escolha de cada um dos envolvidos no processo. Isto parece se dá pelo manejo ao recurso à consciência posicional de si, necessária à tomada de

consciência do que se é; à reflexão sobre o projeto de ser que está em construção, já que é o próprio Sartre que nos diz que o homem nada mais é do que um série de empreendimentos, a soma de todos eles, ou seja, um projeto (SARTRE, 2010). Metodologicamente falando, é disso que trata a psicoterapia. Ou seja, uma abordagem de psicoterapia existencial-sartriana trataria da clarificação da dinâmica intencional de uma determinada consciência que, sendo intencional, não é o que é, e é o que não é (SARTRE, 2011). Um determinado projeto de ser atende à forma específica pela qual uma consciência responde a um futuro a ser alcançado, à partir do engajamento livre, sendo o que não é e não sendo o que é, e isto pode ser investigado na situação psicoterapêutica. O que está em jogo aqui é a investigação da dinâmica nadificadora da consciência que, em sendo consciência de alguma coisa e precisar não ser essa coisa pra que dela tenha consciência, se revela na relação terapêutica e pode ser observada pelo terapeuta fenomenólogo. Na situação psicoterapêutica, para dar conta do que nos interessa aqui, é o sentido do ser, pelo movimento de ir sendo, que é o fenômeno sobre o qual paciente e psicoterapeuta precisarão refletir. Pela inspiração tomada do artista Giacometti, que construía e destruía suas esculturas, o que era lido por Sartre como uma metodologia fenomenológica, é no ato de ser na sessão de psicoterapia que encontraremos o sentido da experiência da pessoa em psicoterapia. Neste ato, “ir sendo”, há o que estamos chamando aqui de estética do movimento.

Na abordagem gestáltica, o espaço onde se dá o “ir sendo”, ou seja, a confecção artística da maneira própria de ser pessoa, a existência, pode ser chamado de espaço vital, para o qual Perls (1979) usou a expressão *Lebensraum* (p. 27). Nele, na visão do gestaltista, há a mobilização de todos os músculos para o encontro de tal arte. E o corpo parece ser o testemunho inequívoco disto. O corpo, escultura da existência por excelência, usado por Giacometti como modelo de uma fenomenologia da arte, segundo a leitura sartriana, parece apontar um sentido integrador de todos os motivos intencionais da consciência. Aqui, estamos chamando este sentido integrador de todos os atos conscientes – conscientes não no sentido reflexivo mas no sentido intencional – de estética do movimento.

Perseguindo o objetivo proposto para este texto, cabe-nos outra indagação: haveria uma estética do movimento presente no encontro psicoterapêutico, um fenômeno que pode traduzir o encontro entre psicoterapeuta e cliente facilitando a condução do processo via método fenomenológico? A consideração deste fenômeno chamado aqui de estética do movimento facilitaria ao terapeuta assumir uma atitude fenomenológica pela perseguição do que está para além da fala do seu paciente? Os sentidos que subjazem a própria fala do paciente, e que a possibilita numa lógica não causal mas numa dinâmica dialética, poderiam ser encontrados a partir da contemplação desta suposta estética do movimento? Estas são questões sobre as quais o texto ora apresentado se debruça.

A NOÇÃO DE ESTÉTICA DO MOVIMENTO

Sob a perspectiva de uma proposta de Psicologia que vise à produção de um conhecimento sobre a práxis da clínica fenomenológica, deve-se se apropriar de um retorno à percepção do mundo como ele se dá, como ele é. Uma visão do que é natural, do fenômeno dado, do processo de psicoterapia enquanto encontro de um psicoterapeuta e de um cliente. Numa perspectiva de psicoterapia existencial-sartriana é dessa situação concreta que precisamos tratar. O real da psicoterapia parece estar, exatamente aí, no movimento, no ato de um psicoterapeuta e de um cliente se

encontrarem para fazer psicoterapia. As atitudes, as falas, os silêncios, as posturas, os atrasos, os sintomas, os afetos, tudo que surge na situação da cena psicoterapêutica, pelo ato do encontro dessas duas personagens, parece anunciar os contornos da própria experiência do sujeito que busca ajuda psicológica. O que queremos dizer é que ao invés de buscar as respostas terapêuticas no desvendamento dos mistérios psíquicos, inconscientes ou não, ou na descoberta do que subjaz no sintoma do paciente, uma práxis de psicoterapia existencial-sartriana deve se dedicar à busca de um movimento em curso durante a sessão de psicoterapia. Se a prática clínica por longos anos parece ter sofrido de uma ditadura da fala, numa psicoterapia fenomenológico-existencial como a que aqui é discutida, a fala não pode ser o elemento principal ou o único fenômeno a ser manejado pelo psicoterapeuta. Tal qual a pintura de Cézanne, onde os traços e contornos variados podem ser definidos como fronteiras permeáveis, onde a arte registra muito menos do que aquilo que os sentidos do pintor puderam captar, mas a própria linguagem real da natureza, as nuances do natural (MERLEAU-PONTY, 1980), numa psicoterapia fenomenológico-existencial há uma busca pelo movimento do ser. Na leitura aqui apresentada sobre a possibilidade de manejo existencial-sartriano do processo psicoterapêutico, propõe-se a fuga de uma estética estática da fala e a busca necessária da beleza da estética do movimento, do “ir sendo” como já afirmado. Neste sentido, a estética do movimento seria o sentido integrador do fenômeno que é a experiência do paciente. O sentido integrador dos motivos intencionais que resulta do processo da consciência ser posicional de si face a determinada experiência. Quando psicoterapeuta e cliente conseguem acessar este lugar, há a produção de um conhecimento genuinamente fenomenológico sobre a experiência em questão e que, neste caso, segundo o defendido aqui atenderá a lógica do método progressivo-regressivo.

É nesse sentido que a Fenomenologia é o estudo da facticidade da vida humana reveladora de uma essência que se faz, na realidade, a partir de uma maneira própria de existir, de uma existência própria. É um tipo de conhecimento sobre a realidade humana que, muito longe de parecer paradoxal, dual, posto estar baseado numa ontologia que versa sobre existência e essência, faz coro com as teorias que desconstróem o conhecimento baseado em díades – mente/corpo, interno/externo – herdeiros do pensamento cartesiano, colocando o homem no mundo e o mundo no homem. O homem se faz no mundo e o mundo é dado para o homem. Essa compreensão é imprescindível à uma psicoterapia fenomenológico-existencial. O que queremos dizer é que a totalidade do fenômeno é o que serve à uma leitura fenomenológica; sua manifestação factível e mais, sua transcendência alcançada pela consciência humana. Numa linguagem sartriana, uma transcendência capitada pela consciência posicional de si. Homem e mundo, a experiência do homem vivida no mundo. Na cena discutida aqui, a psicoterapia, psicoterapeuta e cliente se entregam ao vai-e-vem, movimento que Sartre denominou metodologicamente de progressivo-regressivo (1960). Tal movimento apresenta certa estética, aqui chamada de estética do movimento, em oposição à outra estética possível ao fenômeno psicoterapêutico, uma estética estática. Sob o olhar fenomenológico a vida parece fugir do movimento linear, das cenas artificialmente montadas e dos afetos produzidos. Na verdade, parece que a vida é mesmo assim, fugitiva da estética estática e amante da estética do movimento, aquela que é resultado do diálogo entre o homem e o mundo. E parece ser este, o fenômeno pelo qual a fenomenologia se interessa. Parece ser este a grande busca de um processo de psicoterapia no modelo fenomenológico. Um certo sentido do ser que vai se revelando no sendo. Seria este fenômeno o que se chama aqui de estética do movimento?

Para a gestalt-terapia, segundo Perls (2002), o contato é o fenômeno por

excelência, o objeto da investigação fenomenológica em psicoterapia. É nele que o *self* se revela, pois não há *self* sem contato (ROBINE, 2006). Tal perspectiva se aproxima da proposta na ontologia fenomenológica sartriana, pois, para Sartre (1937), “o ego está lá fora, no mundo, é um ser do mundo, como o ego do outro” (p. 183). Assim, é no mundo ou no campo que o *self* se revela; é o contato que ocorre no campo organismo-meio. Em gestalt-terapia, não se afirma que o “ego” habita a consciência como fato psíquico, mas, pelo contrário, considera-se que é movimento e está presente no fluxo contínuo de consciência do homem no mundo. Se um dos modelos da abordagem gestáltica é o fenomenológico-existencial, as experiências neste tipo de prática clínica podem inspirar compreensões para a prática da psicoterapia fenomenológico-existencial. Este foi o intento da pesquisa de dissertação de mestrado que origina este texto.

Nas palavras de Sartre (2011), “a consciência define-se pela intencionalidade. Pela intencionalidade ela se transcende, ela se unifica à medida que escapa de si própria” (p. 187). Esse escapar-se é o *self*, produtor da interioridade, agente do contato e artista da existência. Podemos dizer que é nesse sentido que a gestalt-terapia é uma terapia experiencial, pois “pedimos ao paciente que se dê conta de seus gestos, de sua respiração, de suas emoções, de sua voz, e de suas expressões faciais, tanto quanto dos pensamentos que mais o pressionam” (PERLS, 1988, p. 76). Ao se entregar a esse movimento de tomada de consciência o paciente vai apreendendo a sua própria experiência, se dando conta da sua forma de entrar em contato, de existir. O processo de psicoterapia ocorre pela contemplação dessa forma de contatar que se mostra na obviedade do comportamento da pessoa. Nas palavras do autor:

No início, o comportamento do paciente pode ser de maior valor para o terapeuta do que para o próprio paciente. O terapeuta, possuindo uma área de conscientização mais ampla, pode ver o comportamento como uma função da personalidade total (PERLS, 1973/1988, p. 87).

É ao movimento do corpo que o psicoterapeuta vai se ater e, sem interpretá-lo, vai sinalizar ao paciente sua existência. A contemplação do corpo, fenômeno eloquente da obviedade da existência da pessoa, o gestalt-terapeuta vai se entregar para agir de maneira fenomenológica. Seria este um exemplo da busca pelo sentido da estética do movimento? Na leitura apresentada neste trabalho, sim. A exemplo do que pode ser compreendido nesta leitura sobre o fazer da Gestalt-terapia, numa psicoterapia fenomenológico-existencial inspirada em Sartre é o sentido estético presente no movimento, no ato de ser o que se é em psicoterapia, o que deve ser buscado e manejado numa abordagem fenomenológica de psicoterapia.

Segundo Perls (1988),

o terapeuta arguto pode encontrar bastante material bem diante de seus olhos; necessita apenas olhar. Infelizmente, mesmo isto não é tão fácil, pois olhar e ver exige que o terapeuta esteja completamente imparcial e sem a priori. Uma vez que o contato sempre ocorre na superfície, é na superfície que o terapeuta deve ver (PERLS, 1988, p. 88).

Qual é a superfície? A superfície do corpo! Nele encontraremos pistas da maneira de a pessoa entrar em contato e são essas pistas que devem nos conduzir na tentativa de ajudar a pessoa em psicoterapia. Essas pistas são o movimento e sua estética. Obviamente que o corpo inclui tudo aquilo que está diante do terapeuta: a entonação da voz, a própria voz, os gestos, as roupas, os adereços, etc. Tudo isso está no campo e na dimensão do contato que a pessoa mantém com o meio, ao passo que é

fenômeno aqui e agora e, numa abordagem gestáltica, deve ser o objeto do processo de psicoterapia.

É importante deixar claro que não há equivalência entre a noção perlsiana de superfície (corpo) e a noção sartriana de corpo, como bem demonstrado por Melo (2014). Nem ao menos há equivalência entre a noção de aqui-agora defendida pela gestalt-terapia, e a noção de presente apresentada por Sartre em “O ser e o nada”. No entanto, o que é sugerido por Melo (2014), é um diálogo entre a dinâmica do encontro num processo de gestalt-terapia, e o objetivo de uma psicoterapia fenomenológico-existencial sartriana, ou o sentido buscado numa psicoterapia de inspiração sartriana, chamada aqui existencial-sartriana. Sartre (2008) propõe: “o que é o presente? Meu presente é, por essência, sensorio-motor. É um ‘corte’ que a percepção pratica numa massa que está escoando. Este corte é precisamente ‘o mundo material’” (p. 47). O presente está no ato! E é ao ato, que o psicoterapeuta fenomenológico-existencial deve se ater. Segundo Robine (2006), “o ‘aqui-agora’ em Perls completa-se em Goodman com um ‘... e a seguir’. Aqui-e-agora e depois. Aqui-e-agora voltado para o futuro imediato” (p. 16), ou seja, o óbvio do movimento que se dá aqui-agora anuncia uma forma futura de contato. Numa linguagem sartriana pode-se dizer que o que move a consciência, ou a pessoa, é o futuro (Sartre, 2011): um futuro imediato, numa linguagem gestaltista. Se a noção de aqui-agora da abordagem gestáltica não é equivalente à noção de presente em Sartre, como já referido, ao menos tais noções dialogam. Assim, “agora e ontem” ou “agora e a seguir” são sentidos possíveis deste diálogo entre a ontologia fenomenológica sartriana e os postulados de uma abordagem gestáltica. E tais sentidos possíveis parecem apontar, como aqui se defende, para a ideia de estética do movimento representada pela ação do artista Giacometti ao construir e destruir suas esculturas. Seria esta uma parábola do exercício que se dá numa psicoterapia existencial-sartriana pelo método progressivo-regressivo? Um vai-e-vem de construção e destruição (ou transformação) do movimento? Na gestalt-terapia falar-se-ia em construção e transformação de figuras, pelo contato dinâmico que se dá entre psicoterapeuta e cliente.

“Todo terapeuta que busque ajudar seu cliente a desenvolver sua consciência do self irá centrar a atenção sobre zonas de claro e escuro que são as zonas da figura da consciência” (ROBINE, 2006, p. 17). Podemos acrescentar que tais zonas são temporais – passado, presente e futuro – como uma totalidade dialógica e dialética. É assim que se dá a experiência do homem, segundo a ontologia sartriana. Sempre um vir a ser, sempre uma possibilidade, passado, presente e futuro juntos, todos como possíveis, tomados de uma experiência que se apresenta para a consciência. Numa psicoterapia sartriana poderíamos dizer que ao terapeuta cabe ajudar ao seu cliente assumir a consciência posicional de si operando essa reflexão sobre seu movimento se deu ao longo do tempo vivido? Parece que sim! Em Sartre (2011), o passado não importa, mas o que se faz dele é a grande questão, ou seja, o passado não se esgota em si mesmo, mas existe em relação a um presente, que é movimento pelo futuro. Se pensarmos que a abordagem gestáltica parte do presente ao levar o cliente a operar a “awareness”, podemos apontar que o diálogo com a perspectiva sartriana aponta uma descoberta, a noção de estética do movimento aqui apresentada: “o que é atual é o presente; o presente é definido pela ação do corpo” (SARTRE, 2008, p. 49). É dessa experiência que precisamos tratar enquanto fazemos fenomenologia. Toda psicoterapia para ser fenomenológico-existencial precisaria, assim, empreender essa busca de uma estética do movimento e passear pela nuances dela advinda.

Encontra-se na obra de Sartre (2011), ao menos três dimensões do corpo: o corpo como facticidade – “existio meu corpo” (p. 441); o corpo-para-outro – “meu

corpo é utilizado e conhecido pelo Outro” (p. 441); e a terceira dimensão do corpo – “existo para mim como conhecido pelo Outro a título de corpo” (p. 441). Neste contexto o francês acresce a discussão sobre as relações concretas com o outro, na qual apresenta sua perspectiva sobre “as condutas pelas quais o ‘Para-si’ tenta assimilar a liberdade do Outro” (p. 454). Não é proposta deste trabalho a discussão de cada uma dessas dimensões, o que já foi feito no texto originário da reflexão aqui apresentada, a saber a dissertação de mestrado de Melo (2014). No entanto, faz-se necessário apontar que nas dimensões das relações concretas com o outro propostas por Sartre, podemos encontrar as nuances da noção de estética do movimento, um fenômeno que só é possível face ao outro. O outro e aquilo que ele representa, ou seja, o seu lugar de outro face ao ego transcendente, pode ser tomado como o lugar proposto e, necessariamente, assumido pelo psicoterapeuta existencial-sartriano. Tal lugar pode, inclusive, ser inspirado na dinâmica do conflito discutida por Sartre quando de uma das possíveis atitudes concretas para com o outro, o amor, posto ser uma tentativa de apreensão da liberdade do outro como discute o filósofo (SARTRE, 2011). Seria possível usar tal noção de conflito para se pesar a relação entre terapeuta e paciente? Ao invés de tomarmos o “entre” da relação *psicoterapeuta/cliente* em termos de transferência e contratransferência como faz a psicanálise ortodoxa, seria possível o tomarmos como potencial conflito afetivo a partir do aforismo “o inferno são os outros” (SARTRE, 1988), como mote para a compreensão da relação psicoterapêutica? Seria possível um manejo de tal conflito potencial? Tal questão não poderá ser discutida aqui, pois fugirá ao propósito deste texto¹. O que se aponta aqui é que o psicoterapeuta necessita manejar o seu lugar de outro, enquanto fundamento transcendente do movimento do paciente em psicoterapia. Tal defesa é feita em nome de uma abordagem fenomenológico-existencial daquilo que surge em psicoterapia. Numa perspectiva sartriana, por exemplo, podemos dizer que as emoções, fenômenos possíveis que surgem na cena protagonizada pelo paciente e por seu psicoterapeuta numa sessão de psicoterapia, são modos de posicionamento do corpo diante do mundo-situação que é intencionado por uma consciência posicionada nesta determinada situação (SARTRE, 2008). Esta é uma situação existencial e, por isso mesmo, regida por dados factuais, tal qual àquela vivida por Roquentin face à sua angústia (SARTRE, 1938).

O que se defende aqui é que, para uma abordagem existencial-sartriana de psicoterapia, é imprescindível e suficiente afirmar que o movimento do paciente se dá em direção a um psicoterapeuta, em determinada situação. Sua fala, seus gestos, seu corpo, são fenômenos posicionadas face a um outro terapeuta. Há uma estética apresentada em seu ato na sessão de psicoterapia que pode ser encontrada na configuração destes fenômenos que, compreendidos e tomados à partir da situação terapêutica, podem ser vistos como movimento face a um outro, o psicoterapeuta: uma estética do movimento. A proposta aqui, portanto, é operarmos uma compreensão dialética da noção de estética do movimento ao considerarmos a leitura sartriana sobre as relações concretas com outro, neste caso na cena terapêutica, a fim de propor caminhos para uma abordagem de psicoterapia existencial-sartriana.

Uma abordagem de psicoterapia sartriana, que se propõe a busca do que aqui se chama estética do movimento, o fenômeno que congrega os sentidos do ato de ser o que se é na sessão de psicoterapia, buscaria compreender a maneira pela qual o “para-si”-do psicoterapeuta e do cliente – assimilaria a liberdade do Outro em determinado sentido integrador do movimento, ou se quisermos, em determinado movimento integrador de sentido. O que é sugerido aqui, a partir do trabalho de Melo (2014), é uma implicação das atitudes para com o Outro propostas por Sartre (2011), no fazer de uma psicoterapia fenomenológico-existencial. E mais, sugere-se que a noção de Outro em

Sartre pode ser tomada como modelo do lugar do psicoterapeuta. Isso seria possível pela perseguição do que aqui se denomina estética do movimento. Ou seja, ao se disponibilizar para um encontro numa sessão de psicoterapia, atendendo esta psicoterapia à lógica fenomenológico-existencial e, porquê não dizer, à lógica existencial-sartriana, é imprescindível que o psicoterapeuta maneje o seu lugar de outro, face a um cliente que lhe apresenta um sentido unificador que da sua pessoa em psicoterapia: uma estética do movimento. Tal sentido unificador seria encontrado, invariavelmente, se cada uma das personagens do processo de psicoterapia, a saber o paciente e o psicoterapeuta, se dedicassem a contatar ou, para usar uma expressão sartriana, a utilizar o recurso a consciência posicional de si, face a estética do movimento do seu interlocutor ao invés de, somente, se dedicar a compreensão da fala deste. Tal estética do movimento se relevaria no ato: gestos, posturas, corpo, fala, etc. A pesquisa empírica referida como base para a reflexão aqui apresentada, é um bom exemplo de uma prática clínica na qual se empreendeu a busca fenomenológica por uma estética do movimento. Nela, Melo (2014) discute as questões a partir de trechos de sessões de três clientes/colaboradores. O autor propõe o diálogo sobre o corpo na gestalt-terapia a partir de uma interlocução com a perspectiva sartriana, como forma de apontar caminhos que inspirem uma prática de psicoterapia existencial-sartriana. As descrições dos casos-exemplos seguem o tema-eixo escolhido a partir do foco da experiência corporal de cada sujeito em psicoterapia, portanto, apresentam um sentido estético encontrado no movimento de cada paciente em psicoterapia. O autor parte dos trechos de sessões de psicoterapia nas quais houve algum trabalho com o corpo ou alguma menção a este, seguindo uma abordagem gestáltica, a partir do que discute os sentidos encontrados à luz da ontologia fenomenológica sartriana. Tais trechos são utilizados a título de exemplificação para as discussões propostas no trabalho, e seu uso é feito com a devida autorização dos pacientes. Sugere-se a leitura do trabalho citado para uma melhor compreensão do que se tentou aqui apresentar como *estética do movimento*. Compreendida aqui como o sentido integrador do que, fenomenologicamente, se busca numa abordagem de psicoterapia existencial-sartriana. Melo (2014) se inspira na psicanálise existencial sartriana (SARTRE, 1993; 2013), o método apresentado por Sartre para a psicologia clínica (SARTRE, 2011), como alternativa de diálogo sobre a hermenêutica da vida, que toma como base uma abordagem biográfica de construção de sentidos do projeto de ser na experiência de determinado sujeito. Aponta-se que à tal psicanálise pode-se recorrer, como aqui se tentou fazer, para a discussão do processo de psicoterapia numa tentativa de construção de uma psicoterapia existencial-sartriana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a atitude e a arte de Alberto Giacometti ao empreender um ritmo próprio de confecção de suas esculturas, bem como de destruição das mesmas num curto espaço de tempo, apontou-se a leitura feita por Jean-Paul Sartre sobre tal obra de arte como uma metáfora do que se pode propor, à partir do pensamento sartriano, como uma compreensão do processo de psicoterapia. Para isto se recorreu à apresentação da noção de estética do movimento, ou seja, daquilo que se denominou aqui de sentido integrador do ato de ser a pessoa que se é e que aparece, invariavelmente, em um processo de psicoterapia conduzido via abordagem metodológica sartriana. Este sentido integrador pode ser alcançado pela tomada de posição de consciência posicional de si, atitude possível numa psicoterapia existencial-sartriana ao ser facilitada pelo manejo

fenomenológico que o psicoterapeuta pode fazer daquilo que o paciente apresenta em psicoterapia; e do manejo terapêutico, do lugar do psicoterapeuta enquanto outro.

O que se defendeu neste trabalho foi a apresentação de uma leitura fenomenológica possível sobre o sentido estético presente no processo de psicoterapia. À tal sentido o psicoterapeuta pode recorrer quando este opera o manejo do que aqui se definiu como estética do movimento: trata-se dos sentidos do próprio fenômeno de encontro entre psicoterapeuta e paciente que, ao assumirem uma postura fenomenológica, tratam do sintoma clínico como um dos sentidos possíveis da experiência ali em foco. Tal captação é possível pela descrição via método progressivo-regressivo dos atos do paciente e do terapeuta numa sessão de psicoterapia fenomenológico-existencial.

Defendeu-se aqui que a obra filosófica de Jean-Paul Sartre, naquilo que se propõe a dialogar com a psicologia, muito pode contribuir para a construção de uma abordagem clínica tida como fenomenológico-existencial.

A discussão foi construída numa tentativa de contribuição à abordagem clínica fenomenológico-existencial ao apontar um caminho metodológico possível, à partir da experiência que subjaz a própria discussão, a saber a prática clínica de um determinado psicoterapeuta, do manejo daquilo que surge em uma sessão de psicoterapia vista a partir do prisma da psicanálise existencial. A práxis clínica que é tomada como exemplo para a discussão aqui posta é exemplo disso.

O trabalho não pretendeu esgotar a discussão do tema, mas suscitar reflexões sobre a noção apresentada. Sugere-se que tal discussão seja retomada em trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS

- MELO, Daniel Marcio Pereira. *O corpo na gestalt-terapia: um diálogo com Jean-Paul Sartre / The body in gestalt therapy: a dialogue with Jean-Paul Sartre*. - 2014. 167 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2014. “Orientação: Prof. Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris.”
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 4ª Edição, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011. (Obra original publicada em 1945)
- MERLEAU-PONTY, M. *A dívida de Cézanne*. In: Textos selecionados. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- PERLS, Frederick Salomon. *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus, 1979 (Obra original publicada em 1969).
- PERLS, Frederick Salomon. *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*. Rio de Janeiro: Guanabara S. A, 1988. (Obra original publicada em 1973).
- PERLS, Frederick Salomon. *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud* (G. D. J. B. Boris, Trad.). São Paulo: Summus, 2002. (Obra original publicada em 1942).
- ROBINE, Jean Marie. *O self desdobrado: perspectiva de campo em Gestalt-terapia* (S. Augusto, Trad.). São Paulo: Summus, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica*. São Paulo: Vozes, 1960. (Obra original publicada em 1934).
- SARTRE, Jean-Paul. *Questão de método* (B. Prado, Jr., Trad.). São Paulo: Difel, 1966. (Obra original publicada em 1960).
- SARTRE, Jean-Paul. *Situações I. Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968. (Obra original publicada em 1939).
- SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1977. (Obra original publicada em 1944).
- SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. (Obra original publicada em 1938).

- SARTRE, Jean-Paul. *Diário de uma guerra estranha: novembro de 1939, março de 1940* (A. S. Rodrigues, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (Obra original publicada em 1983).
- SARTRE, Jean-Paul. *As Palavras* (J. Guinsburg, Trad., 6a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. (Obra original publicada em 1964).
- 126 SARTRE, Jean-Paul. *Esboço de uma Teoria das Emoções* (P. Neves, Trad.) [Coleção L&PM Pocket Plus]. Porto Alegre: L&PM, 2008. (Obra original publicada em 1936).
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo* (J. B. Kreuch, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Obra original publicada em 1946).
- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (20a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Obra original publicada em 1943).
- SARTRE, Jean-Paul. *Alberto Giacometti: textos de Jean-Paul Sartre*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Obra original publicada em 1949).
- SARTRE, Jean-Paul. *O Idiota da Família – Gustave Flaubert de 1821 a 1857* (J. da R. Simões, Trad.). Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. (Obra original publicada em 1971/1988).

NOTAS

- 1 Sobre tal questão sugere-se a leitura de trabalhos posteriores do autor, a partir da sua tese de doutorado.